

# ASEFIXIANDO A MAQUINA DE GUERRA



## VITOL FORNECE PETROLEO PARA O GENOCIDIO

# UM EMBARGO ENERGÉTICO A PARTIR DE BAIXO:

ASFIXIAR A MÁQUINA DE GUERRA EM SOLIDARIEDADE AOS POVOS DE CUBA, VENEZUELA, IRÃ, LÍBANO E PALESTINA.

A infraestrutura energética da entidade sionista alimenta um sistema de apartheid, genocídio e expansão colonial. À medida que o Irã e seus aliados miram as usinas de energia, refinarias e oleodutos da entidade sionista, abre-se uma oportunidade crucial para atuar na interrupção estratégica dos fluxos de energia e impor um embargo ao Estado de apartheid de “Israel”.

A extração, o refino, o transporte marítimo e a comercialização tornam-se terrenos de luta contra a infraestrutura material que saqueia as reservas de petróleo de Abya Yala (América Latina)<sup>(1)</sup> a serviço de economias do genocídio. Fluxos de energia vindos do Brasil, Colômbia, África do Sul e Turquia continuam a alimentar a agenda expansionista do Estado genocida de colonização de assentamento. A campanha Disrupt Oil Flows of Genocide [cortar os fluxos de petróleo do genocídio], organizada em torno de uma cadeia de fornecimento específica e rastreável, mira estrategicamente a circulação dos fluxos de petróleo ao tornar visível “a magia do petróleo”:

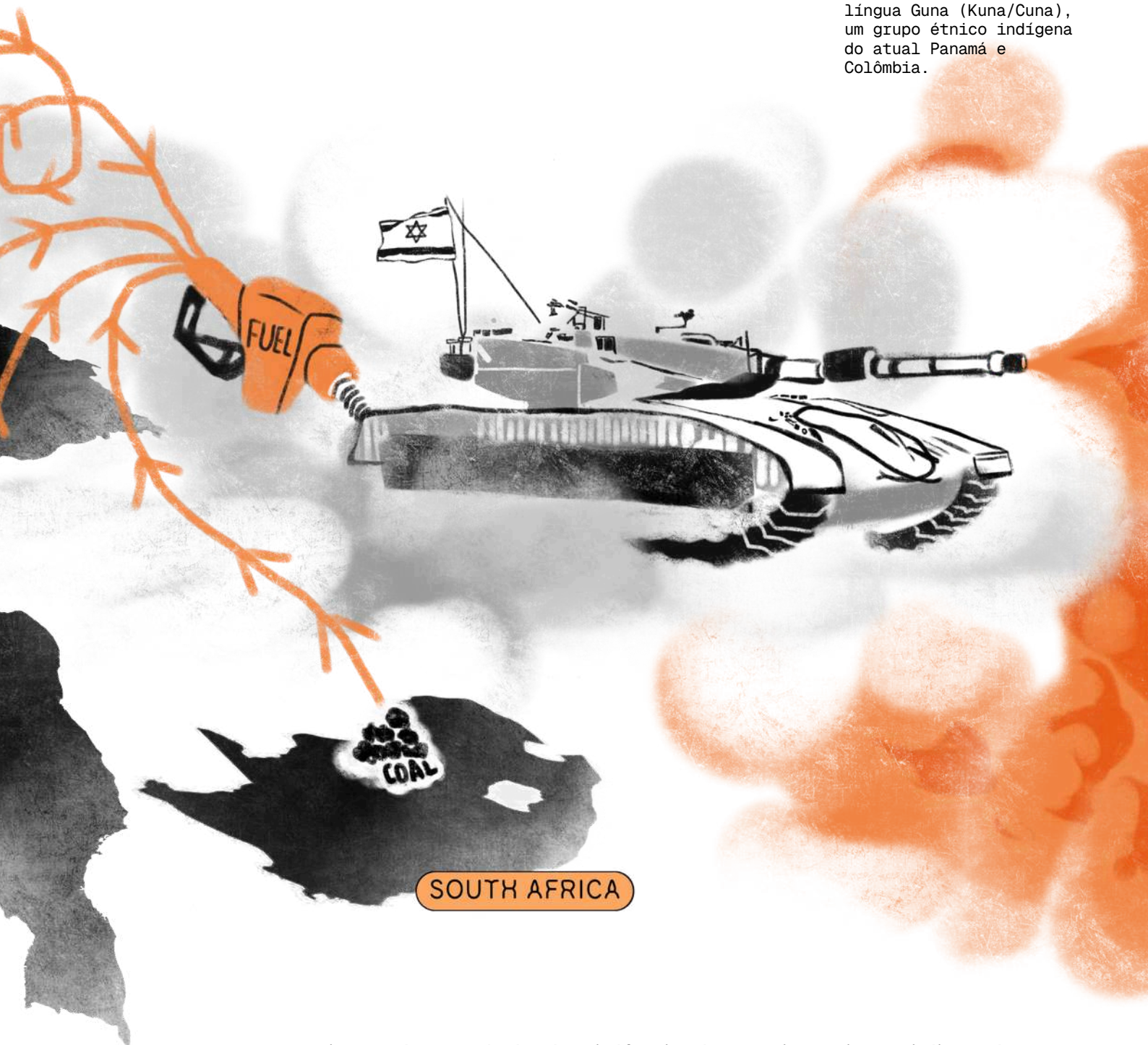


Onde ele não flui apenas naturalmente da extração ao consumo, mas é intencionalmente movido, armazenado, refinado e gera lucros em pontos de estrangulamento específicos, onde o poder pode ser interrompido.

- ADAM HANIEH. CRUDE CAPITALISM: OIL, CORPORATE POWER, AND THE MAKING OF THE WORLD MARKET. 2025.

A coalizão Disrupt Oil Flows of Genocide é uma aliança global crescente que mira a cadeia de fornecimento da Vitol como terreno em disputa através das fronteiras, não porque vemos como um problema de uma única corporação ou em um único lugar. Um embargo energético a partir de baixo torna-se possível quando trabalhadores em infraestruturas energéticas estratégicas e comunidades que resistem à extração atuam juntos para interromper os fluxos que alimentam o genocídio.

①) Abya Yala é um termo usado por povos indígenas para se referir às Américas e pode ser traduzido como “Terra de Sangue Vital” ou “Terra Madura/Fértil”. Vem da língua Guna (Kuna/Cuna), um grupo étnico indígena do atual Panamá e Colômbia.



Diante da escalada da violência dos regimes imperialista dos EUA e do sionismo em Cuba, Irã, Líbano, Palestina e Venezuela, devemos intensificar nossa solidariedade para enfrentar aqueles que alimentam essa violência!

# O GIGANTE OCULTO DO PETRÓLEO: A ASCENSÃO DA TRADER DE COMMODITIES

Pouco percebidos e pouco fiscalizados, as traders de commodities controlam como os recursos estratégicos do mundo saem de países ricos em recursos e chegam aos bolsos das elites globais. Dispostos a fazer negócios onde outras empresas não ousariam pisar, as cinco maiores casas de trading de petróleo — Vitol, Trafigura, Glencore, Gunvor e Mercuria — movimentam 24 milhões de barris por dia de petróleo bruto e produtos refinados: do diesel ao combustível de aviação, elas controlam um quarto da demanda mundial de petróleo.

À medida que as potências imperialistas buscam contornar os chamados por um embargo energético por meio de intermediários, as traders de commodities emergiram como pontos nodais críticos que sustentam as cadeias de fornecimento do genocídio.

A trader privada de energia Vitol, a maior trader independente de petróleo entre todas, tornou-se uma das maiores parceiras comerciais do Estado sionista. Uma análise publicada com dados da Kpler sobre fluxos de petróleo para Israel, feita pela Data Desk, mostra que desde 2020 a Vitol foi responsável pelo envio de 2.890 quilotoneladas de petróleo, aproximadamente 21 milhões de barris, para a Eilat Ashkelon Pipeline Company (EAPC), operadora estatal de oleodutos; para a Paz Oil, proprietária da refinaria de Ashdod e fornecedora de combustível de aviação para o exército “israelense”; e para a Bazan, a maior instalação integrada de refino e petroquímica de “Israel”.

A Vitol movimenta 8 milhões de barris por dia, com faturamento de US\$ 343 bilhões em 2025 — petróleo suficiente para abastecer França, Alemanha, Itália, Espanha e Reino Unido juntos. Fundada em Roterdã em 1966, a corporação privada tornou-se um nó cada vez mais central nas cadeias globais de fornecimento que sustentam guerras imperialistas em todo o mundo e o genocídio na Palestina.

@ Javier Blas, Jack Farhy e John Sackville, *The World for Sale: Money, Power and the Traders Who Barter the Earth's Resources* (Londres: Cornerstone Digital, 2021).

# ESTRUTURAS DE SIGILO: A ARQUITETURA CORPORATIVA DA IMPUNIDADE

A Vitol é controlada por 400 sócios por meio de múltiplas camadas jurisdicionais projetadas para separar propriedade, consolidação financeira e atividade operacional. A Vitol é administrada por meio de empresas de fachada sediadas em Luxemburgo, Vitol Holding II S.A. e Tinsel Group S.A., sob uma entidade guarda-chuva chamada Vitol Netherlands Coöperatief U.A., permitindo que o controle seja obscurecido através de múltiplas jurisdições. Por meio de uma rede financeira geograficamente espalhada — escritórios comerciais em Houston, Singapura e Reino Unido (UK), um centro de tomada de decisões em Genebra e sede jurídica em Roterdã — a Vitol consolida e mantém seu poder neocolonial.

③ Russell Hardy, CEO, Vitol “[Vitol 2025 volumes and review](#),” Vitol, 2025.

④ Javier Blass and Andy Hoffman, “[Inside Vitol: How the World’s Largest Oil Trader Makes Billions](#),” Bloomberg, 1º de junho de 2016.

Ao investir rotineiramente em seus ativos físicos, a empresa acumula lucros para obter ainda mais controle nas cadeias de fornecimento de energia. Seus ativos de longo prazo, que abrangem refinarias, produção de petróleo e gás, transporte marítimo e geração de energia, são avaliados em US\$ 13 bilhões, com uma capacidade de refino de cerca de 1,2 milhão de barris por dia na Europa e na Ásia. A estrutura corporativa deliberadamente opaca da Vitol não apenas lhe permite explorar os véus de jurisdições fiscalmente favoráveis, como Luxemburgo e Suíça, onde sua alíquota de impostos efetiva global chegou a apenas 14%, como também lhe concede agilidade para operar cadeias de fornecimento de energia verticalmente integradas, quase completamente no escuro.

⑤ Joseph Keefe, “[Canada Orders Seizure of Oil Tanker](#),” World Energy News, 5 de julho 5, 2017.

⑥ The Unit for Political Studies, “[The Lebanese Israeli Maritime Border Agreement: Challenges Ahead](#),” Arab Center for Research & Policy Studies, 19 de outubro, 2022.

A Vitol opera e se estende por todo o espectro das economias do petróleo: desde o trading de commodities, refino, armazenamento e transporte marítimo até postos de combustíveis no varejo — tudo isso enquanto se recusa a divulgar seus relatórios financeiros. Sem acionistas públicos, sua opacidade não é acidental. É estrutural: a Vitol é desenhada para se mover por mercados voláteis, executar negócios de alto risco em regiões politicamente frágeis e escapar do escrutínio.

Do fretamento de navios carregados de petróleo contestado e roubado o governo iraquiano à comercialização e venda de gás contestado do campo disputado de Karish, nas fronteiras marítimas do Líbano — a Vitol tem uma história sombria de fechar acordos manchados de sangue.

# A HISTÓRIA SOMBRIA DA VITOL DE LUCROS COM A GUERRA: ACORDOS MANCHADOS DE SANGUE NO IRAQUE E NA LÍBIA

A natureza privada desse ator corporativo permitiu que ele fosse aonde outras corporações jamais se aventurariam. A reputação da Vitol foi questionada por seu papel como uma empresa que lucra com a guerra.

## IRAQUE: DE TRADER OPORTUNISTA A QUEM LUCRA COM A CRISE SANÇÕES, PETRÓLEO POR ALIMENTOS E LUCRO COM A CRISE

Em 1990, a Resolução 661 do Conselho de Segurança das Nações Unidas impôs a cruel e desumana sanção de décadas contra o Iraque, causando, em última instância, fome generalizada entre a população, impulsionada pela pressão imposta pelos EUA. <sup>07</sup>As sanções, um crime de guerra, <sup>08</sup>anteriores à invasão estadunidense do país em 2003, foram, em última instância, uma ferramenta coercitiva projetada para enfraquecer a soberania iraquiana.

Em 1995, a ONU implementou o controverso programa “Petróleo por Alimentos” como uma medida corretiva para as consequências “não intencionais” da fome, da desnutrição infantil crônica e da morte. O programa criou um comitê que aprovaria a possibilidade de o Iraque exportar uma parte de sua produção de petróleo em troca da importação de bens essenciais. Entre 2001 e 2003, a Vitol contornou o comitê e comprou 31 milhões de barris de petróleo iraquiano diretamente de Saddam Hussein <sup>09</sup>por meio de uma entidade associada, a Vitol Bahrain. Embora a corporação tenha se declarado culpada por furto qualificado em um tribunal dos EUA em 2007, sua compra de petróleo iraquiano foi equivalente à atuação de uma empresa que lucra com a crise.



<sup>07</sup> Doa Ali, “How to Kill an Entire Country: The Legacy of the Sanctions against Iraq,” Transnational Institute, 26 de julho de 2023.

<sup>08</sup> Rob Kennedy, “Sanctioned genocide: Was ‘the price’ of disarming Iraq worth it?,” Relief Web, 10 de junho de 2003.

<sup>09</sup> Javier Blas, Jack Farhy, and John Sackville, The World for Sale: Money, Power and the Traders Who Barter the Earth’s Resources (London: Cornerstone Digital, 2021).

<sup>10</sup> Caroline Kehoe, Mark Hatfull, and Joseph Bentley, “Finding Neverland: exploring the risks in exporting Kurdistan’s oil,” Menas Associates, 5 de outubro de 2017.

## O CASO NEVERLAND

Em 2017, o papel da Vitol foi mais direto. Apesar de antigas disputas constitucionais sobre a exportação e venda de petróleo bruto curdo,<sup>(10)</sup> a Vitol fecharia um acordo para comprar petróleo bruto da região semiautônoma curda no Iraque.

A venda enfrentaria indignação global quando o Iraque entrou com uma ação para apreender os 721.915 barris de petróleo que a Vitol estava fretando no petroleiro “Neverland”<sup>(11)</sup> alegando que o petróleo havia sido roubado e buscando US\$ 30 milhões em indenização da corporação privada.

A Corte Federal do Canadá ordenou a apreensão da embarcação, caso ela entrasse em suas águas, e os olhos do mundo passaram a procurar o “Neverland”; o navio desapareceu.<sup>(12)</sup> Se reapareceu vazio semanas depois. Para surpresa de todos, a Vitol não apenas conseguiu fazer o “navio fantasma” desaparecer, como também descarregou o petróleo curdo em um destino desconhecido.<sup>(13)</sup>



## LÍBIA: ALIMENTANDO A MUDANÇA DE REGIME E A GUERRA CIVIL

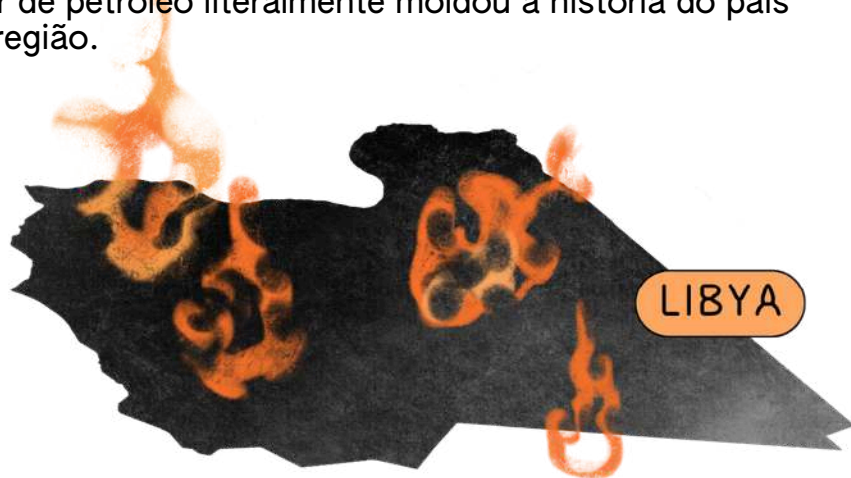
Em 2011, a luta interna líbia contra a administração de Gaddafi teve atuação externa com a intervenção militar da OTAN, liderada por antigas potências coloniais — Reino Unido e França — ao lado dos EUA. Capitalizando sobre a desestabilização da soberania líbia, a gigante global de commodities Vitol garantiu uma posição ao trocar US\$ 1 bilhão em combustível pelo petróleo bruto do país. Esse acordo “secreto”, intermediado por Alan Duncan, uma figura que transitava entre o poder estatal britânico e os interesses privados do petróleo, restabeleceu um padrão de extração de recursos no qual entidades corporativas externas ditam as condições materiais da transição de uma nação, trocando, na prática, autodeterminação por dependência baseada em dívidas em relação aos mercados ocidentais.

<sup>(11)</sup> John Lee, “[Canada Orders Seizure of Tanker carrying Kurdish Oil](#),” Iraq Business News, 5 de julho de 2017.

<sup>(12)</sup> Reuters, “[Neverland tanker with disputed Kurdish oil reappears off Malta](#),” Reuters, 21 de julho de 2017.

A intervenção da Vitol alterou o equilíbrio de forças. Sem a capacidade de abastecer seus tanques ou seus caminhões militares armados com metralhadoras, os rebeldes certamente poderiam ter sido derrotados. A trader de petróleo literalmente moldou a história do país e da região.

<sup>(13)</sup> <sup>(14)</sup> Javier Blas, Jack Farhy, and John Sackville, *The World for Sale: Money, Power and the Traders Who Barter the Earth's Resources* (London: Cornerstone Digital, 2021).



“O combustível da Vitol foi muito importante para o setor militar.”

- ABDELJALIL MAYUF, FUNCIONÁRIO DA ARABIAN GULF OIL, CONTROLADA PELOS REBELDES EM BENGHAZI, 2011



### LUCRO INDEPENDENTEMENTE DO RESULTADO

<sup>15</sup> Robert Winnett, and Rowena Mason, “LIBYA: The minister, the Tory donor and a contract to supply oil,” The Telegraph (UK), 2 de setembro de 2011.

<sup>16</sup> “Hidden oil giant Vitol skirts war, market chaos to make billions,” Energy Voice, 1º de junho de 2016.

<sup>17</sup> Mark Curtis, “11 years after toppling Gaddafi, UK gets Libya’s oil,” Declassified UK, 29 de novembro de 2022.

A Vitol estruturou o acordo para lucrar independentemente de qual lado vencesse a guerra. Os rebeldes não tinham dinheiro, então a Vitol aceitou pagamento na forma de petróleo bruto de campos controlados pelos rebeldes — apostando, na prática, na capacidade dos rebeldes de manter território. Mas a Vitol protegeu a aposta: o governo do Reino Unido forneceu garantias de que, se os rebeldes fracassassem, a Vitol poderia recuperar seus custos a partir dos ativos congelados de Gaddafi mantidos em bancos europeus. As Resoluções 1970 e 1973 do Conselho de Segurança da ONU,<sup>14</sup> aprovadas em fevereiro e março de 2011, haviam congelado aproximadamente US\$ 70 bilhões em ativos do Estado líbio ao redor do mundo, incluindo mais de £12 bilhões mantidos apenas no Reino Unido. O governo do Reino Unido também ajudou a garantir seguro para os carregamentos da Vitol por meio do que Alan Duncan teria descrito como “o Plano Duncan”, uma “célula de petróleo líbia” do Cabinet Office e do Foreign Office que facilitou o acordo. Se os rebeldes vencessem, a Vitol seria paga em petróleo bruto e ficaria posicionada como parceira preferencial na Líbia pós-Gaddafi.<sup>15</sup> Se os rebeldes perdessem, o risco negativo da Vitol seria coberto por riqueza soberana congelada. De qualquer forma, a Vitol lucrava.<sup>16</sup>

O resultado foram lucros de bilhões para a Vitol e uma oportunidade para os interesses petrolíferos do Reino Unido garantirem sua presença no petróleo da Líbia pós-Gaddafi, combinada à presença militar britânica.<sup>17</sup>

# O PRESENTE SOMBRIO DA VITOL: SAQUEANDO RECURSOS A SERVIÇO DO GENOCÍDIO

## VENEZUELA: DO SAQUE POR SANÇÕES AO ROUBO IMPERIAL DE RECURSOS

<sup>(18)</sup> Spencer Kimball, “Exxon CEO Says Venezuela Needs to Transition to Democracy for Oil Investment to Make Sense,” CNBC, 30 de janeiro de 2026.

<sup>(19)</sup> Binish Azhar, “Venezuelan crude shipments to US on track to rise in February,” S&P Global, 10 de fevereiro de 2026.

<sup>(20)</sup> Tsvetana Paraskova, “Trader Trafigura To Stop Oil Business With Venezuela,” Oil Price, F15 de fevereiro de 2019.

<sup>(21)</sup> BDS National Committee, “BDS Alert: Venezuelan Oil Being Shipped from Sardinia to Genocidal Israel,” BDS Movement, 27 de fevereiro de 2026.

Em 3 de janeiro de 2026, forças dos EUA capturaram o presidente venezuelano Nicolás Maduro no que o governo venezuelano e seus aliados descreveram como um sequestro político. Em poucos dias, a administração Trump passou a tomar o controle da indústria petrolífera da Venezuela. Chevron, Vitol e Trafigura competiram por contratos do governo dos EUA para exportar petróleo bruto venezuelano,<sup>(18)</sup> com ambas as traders participando de reuniões na Casa Branca até 9 de janeiro.<sup>(19)</sup>

A velocidade não foi coincidência. Vitol e Trafigura haviam comercializado petróleo venezuelano antes das sanções dos EUA em 2019 e mantiveram acesso indireto por meio de parceiros da PDVSA nos anos seguintes.<sup>(20)</sup> Com os EUA impondo um bloqueio naval que cortou os compradores chineses, anteriormente os maiores importadores de petróleo bruto venezuelano, os traders de commodities se posicionaram como os intermediários preferidos de Washington para redirecionar os fluxos de petróleo venezuelano.

Em 26 de fevereiro de 2026, apenas oito semanas após a captura de Maduro, a Vitol realizou o primeiro envio confirmado de petróleo bruto venezuelano para o Estado de apartheid: aproximadamente 200 mil barris,<sup>(21)</sup> roteados pela refinaria Saras da Vitol na Sardenha, Itália, e enviados em seguida para Israel, apesar dos protestos de organizações da sociedade civil e sindicatos italianos realizados em frente à refinaria.<sup>(22)</sup>

O significado político é claro: petróleo venezuelano, extraído sob condições de coerção imperial da região do Orinoco,<sup>(23)</sup> onde populações locais enfrentam há décadas um regime militarizado ligado à extração de petróleo e à expansão da mineração de ouro, agora está sendo refinado na Itália e enviado para abastecer o genocídio na Palestina. Ao mesmo tempo, o embargo petrolífero dos EUA contra Cuba provocou apagões de energia em hospitais cubanos.

Se não há falta de energia para alimentar o genocídio, não pode haver falta de energia para os hospitais de Gaza e Cuba.

ASFIXIANDO A MÁQUINA DE GUERRA  
VITOL FORNECE PETRÓLEO PARA O GENOCÍDIO



<sup>(22)</sup> Em 17 de fevereiro de 2026, organizações da sociedade civil e sindicatos italianos realizaram uma coletiva de imprensa em frente à refinaria Saras, na Sardenha, Itália.

<sup>(23)</sup> Trump frequentemente se refere à infraestrutura petrolífera no Lago Maracaibo instalada pelos Estados Unidos décadas atrás, embora a extração na Venezuela geralmente venha de múltiplas bacias. Javier Blas, Jack Farchy, and John Sackville, *The World for Sale: Money, Power and the Traders Who Barter the Earth's Resources* (London: Cornerstone Digital, 2021).

## BRASIL: DAS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES PELO EMBARGO ENERGÉTICO AO SAQUE OFFSHORE

Os fluxos de petróleo do Brasil para o Estado colonialista não apenas se mantiveram ao longo de suas guerras genocidas e expansionistas — eles aumentaram. Até 2024, o petróleo brasileiro era vendido diretamente para Israel. Os chamados por um embargo energético feitos por trabalhadores do sindicato brasileiro Sindipetro-RJ — “Nem uma gota de petróleo da Petrobras para Israel!” — pressionaram o presidente Lula a cortar o fornecimento direto de petróleo à entidade sionista. Embora dados oficiais públicos de 2025 tenham revelado que as exportações diretas de petróleo bruto caíram a zero, quatro corporações que operam no Brasil realizaram vendas indiretas para uma intermediária estrangeira, a Vitol, em 2025.

(24) Ver Figura 1: Matéria-prima de petróleo bruto da Venezuela e do Brasil, análise de dados da Kpler pela Datadesk 2022-2026, volume em barris. (Quilotoneladas \* 7300 = barris de petróleo)

(25) Leandro Lanfredi, “[How Brazilian Oil Becomes Fuel in Italy to Supply Israel and the Genocide \[Como o Petróleo Brasileiro Vira Combustível Na Itália Para Abastecer Israel e o Genocídio\]](#),” Esquerda Diário, 17 de agosto de 2025.

(26) Fred Santana “[Institute fines Petrobras for fluid spill at the Amazon River Mouth](#),” Amazon Agency, 10 de fevereiro de 2026.

Os embarques de petróleo continuam acontecendo contra as reivindicações dos trabalhadores. No Brasil, corporações de energia utilizaram a Vitol como intermediária corporativa para contornar as reivindicações sindicais por um embargo energético.

Entre 2022 e 2026, Petrobras, Perenco, Prio S.A. e Equinor estiveram envolvidas na extração e venda de aproximadamente 13 milhões de barris de petróleo bruto brasileiro, ou 1.790 quilotoneladas, de campos offshore em São Paulo e no Rio de Janeiro para o Estado sionista. Por meio da refinaria italiana Sarroch ou Saras SpA, em junho de 2025 o petróleo bruto brasileiro aumentou para 47% de participação no blend daquela refinaria, justamente quando as exportações da refinaria para “Israel” cresceram, apesar de uma média histórica de 7% de petróleo brasileiro.



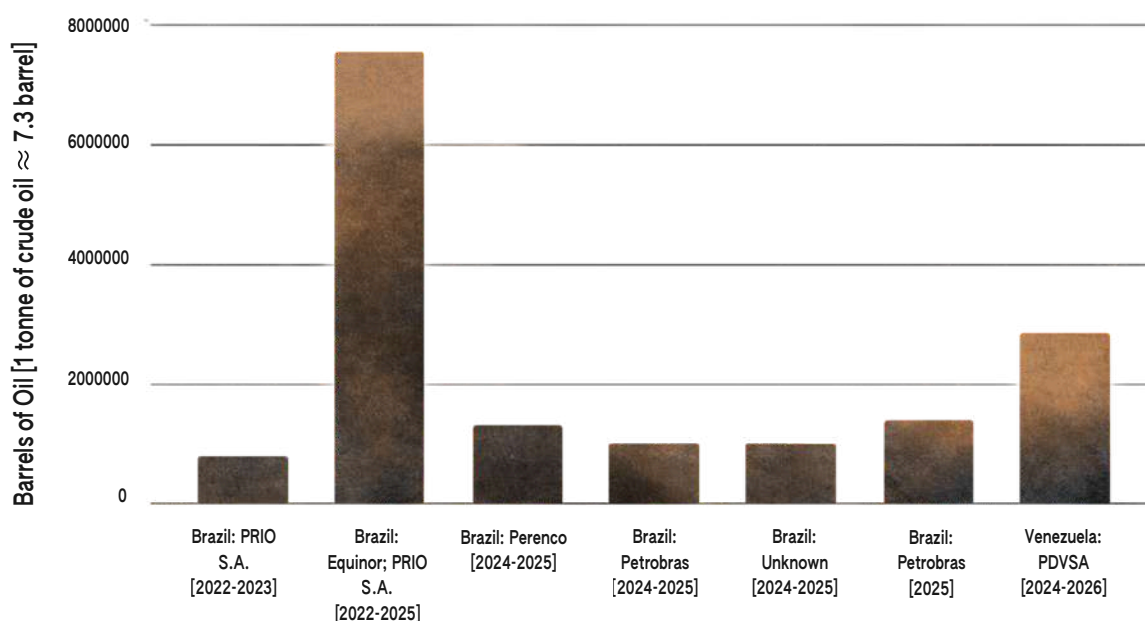
A continuidade da venda de petróleo bruto brasileiro à Vitol, apesar de seu envolvimento descarado no genocídio, encoraja atores corporativos como a Petrobras, cujas operações extrativistas, da perfuração offshore na Bacia de Santos à infraestrutura de oleodutos que ameaça a Amazônia, continuam priorizando o lucro acima das pessoas e dos ecossistemas.<sup>(26)</sup>

Ao fornecer carvão, gás, petróleo e combustível a Israel, empresas estão contribuindo para infraestruturas civis que Israel usa para consolidar a anexação permanente e instrumentaliza na destruição da vida palestina. A mesma infraestrutura serve ao exército israelense enquanto ele oblitera Gaza [...].

- From economy of occupation to economy of genocide - (A/HRC/59/23) Relatório da Relatora Especial sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados desde 1967

## VOLUME OF VENEZUELAN & BRAZILIAN OIL IN SARROCH REFINERY FEEDSTOCK

VOLUME OF VENEZUELAN AND BRAZILIAN OIL IN SARROCH REFINERY FEEDSTOCK  
AGGREGATE KPLER DATA BETWEEN 2020-2026 BY DATADESK



<sup>27</sup> Subvertacomunica, "[Oil Speaks Loudest: Environmental backsliding and the limits of Brazil's energy transition.](#)" International Viewpoints, 28 de outubro de 2025.

## RESISTINDO AOS IMPÉRIOS DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS: DE ABYA YALA À PALESTINA

As comunidades pesqueiras, indígenas e quilombolas no Brasil enfrentam a destruição cotidiana de suas culturas e ambientes pela infraestrutura extrativista offshore. Pescadores continuam resistindo a uma ampla gama de ameaças: desde restrições impostas à pesca e zonas fortemente securitizadas ao redor de plataformas de petróleo até derramamentos de óleo, vazamentos em oleodutos e os impactos contínuos da extração de petróleo bruto.<sup>27</sup> A luta das comunidades pesqueiras brasileiras contra a extração de petróleo offshore não é muito diferente da militarização necessária para proteger o complexo gás-industrial,<sup>28</sup> uma rede de reservas de gás offshore sionistas no Mediterrâneo Oriental.



**De Abya Yala à Palestina ocupada e ao Líbano, comunidades pesqueiras continuam resistindo às fronteiras dos impérios dos combustíveis fósseis.**<sup>29</sup>

Os negócios da Vitol no Mediterrâneo Oriental, como comercializadora e vendedora de gás contestado do campo offshore de Karish, na fronteira com as águas marítimas do Líbano, posicionam a empresa como parceira comercial no projeto sionista de gás.<sup>30</sup> A Vitol aventurou-se a ser o primeiro ator corporativo a se envolver na venda desse gás contestado, após um acordo controverso com o governo libanês no final de 2022, impregnado de pressões coercitivas dos EUA e da Europa e em meio às graves dificuldades econômicas enfrentadas pelo país. O Líbano abriu mão de sua participação no campo de Karish em troca da possibilidade de extrair gás do campo de Qana.<sup>31</sup>

O projeto sionista de gás, que mira, mutila e executa pescadores palestinos e libaneses, o faz na tentativa de garantir sua posição como fonte confiável de exportação de gás para a União Europeia.<sup>32</sup>

<sup>28</sup> WeSmellGas, "[A Gas-Industrial Complex: Tracing the Colonial Cartography of the Eastern Mediterranean.](#)" Antipode Online, 28 de janeiro de 2025.

<sup>29</sup> Aya Bseiso, "[Navigating Gaza's Weaponized Sea.](#)" Shado, 12 de junho de 2025.

<sup>30</sup> Nick Coleman and Stuart Elliott, "[Israel makes first-ever crude oil exports as Karish gas giant ramps up.](#)" S&P Global, 14 de fevereiro de 2023.

<sup>31</sup> The Unit for Political Studies, "[The Lebanese Israeli Maritime Border Agreement: Challenges Ahead.](#)" Arab Center for Research and Policy Studies, 19 de outubro de 2022.

<sup>32</sup> Charlotte Rose and Elia El Khazen, "[Leaking Imperialism: Tracing gas flows sustaining the settler occupation of Palestine.](#)" Transnational Institute, 29 de novembro de 2024.

# NÓS INTERMEDIÁRIOS COMO PONTOS DE ESTRANGULAMENTO LOGÍSTICO: A CONEXÃO ITALIANA



<sup>33</sup> “Members of the Moratti family enter into an agreement to sell approx. 35% of Saras to Vitol,” Vitol, 11 de fevereiro de 2024.

<sup>34</sup> S&P Capital IQ, “Vitol S.A. completed the acquisition of remaining 54.52% stake in Saras S.p.A.” Market Screener, 9 de outubro de 2024.

<sup>35</sup> Leandro Lanfredi, “Oil Complaint: Through Imperialist Companies, Brazilian Oil Continues to Fuel Genocide! [Petróleo Denúncia: Através de Empresas Imperialistas, Petróleo Brasileiro Segue Abastecendo o Genocídio!],” Esquerda Diário, 2 de setembro de 2025.

## A REFINARIA DE SARROCH (SARAS SPA): UM NÓ INTERMEDIÁRIO NA CADEIA DE FORNECIMENTO DO GENOCÍDIO

A recente propriedade da Vitol sobre a refinaria de Sarroch, na Sardenha, Itália, transformou-a em um nó logístico crítico nas cadeias de fornecimento que alimentam o militarismo e o genocídio. Embora a corporação privada originalmente detivesse apenas 10,4% de participação na refinaria, em 2024 a Vitol adquiriu a participação de 35,02% da família Moratti. Com isso, suas ações totais subiram para 45,48%.<sup>33</sup> Em outubro de 2024, lançou uma oferta pública obrigatória para adquirir os 54,52% restantes da refinaria.<sup>34</sup>

Em junho de 2025, essa refinaria foi responsável por aproximadamente 17% de todas as importações de petróleo para “Israel” e respondeu por aproximadamente 10% nos meses de julho e agosto de 2025, segundo dados da Kpler.<sup>35</sup> Essa fatia é rivalizada apenas pela refinaria Bill Greehey, da Valero Energy, em Corpus Christi, Texas, com 11%, garantindo um fluxo constante de combustível militar, especificamente petróleo refinado JP-8 para caças F-35 e F-16.<sup>36</sup>

## UMA INTERMEDIÁRIA PARA CONTORNAR EMBARGOS

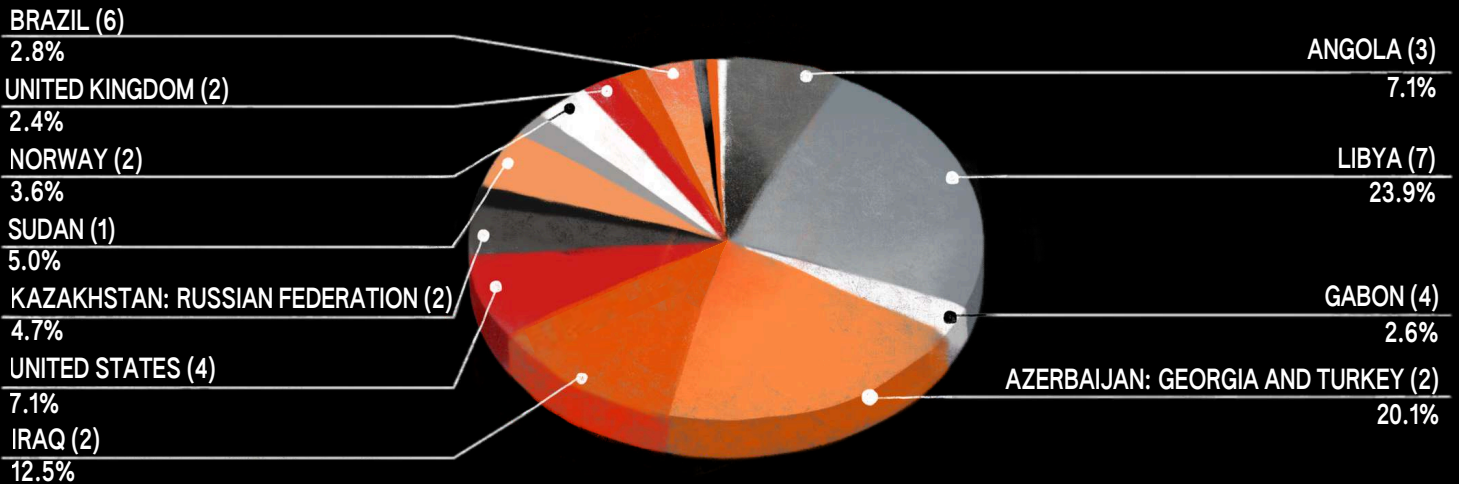
Dados comerciais agregados mostram que a maior parte da matéria-prima total da Sarroch entre 2022 e 2026 veio de fornecedores maiores, como Líbia e Azerbaijão. Em comparação aos 110,4 milhões de barris de petróleo da Líbia, ou aos 92,4 milhões de barris de petróleo do Azerbaijão carregados a partir da Geórgia e da Turquia, o petróleo bruto do Brasil e da Venezuela soma apenas 15,9 milhões de barris de petróleo até o momento.<sup>37</sup>

Aqui, Brasil e Venezuela não dominam a entrada total da refinaria, mas esse não é o ponto, pois a importância política da Saras Spa está em seu papel como nó intermediário:

uma refinaria pela qual corporações podem continuar direcionando petróleo bruto para Israel enquanto se distanciam formalmente de vendas diretas. O aumento das entregas de petróleo bruto brasileiro acima da média histórica, junto com os embarques venezuelanos recém-roteados, mostra como potências imperialistas e traders de commodities dependem de infraestruturas intermediárias para contornar a pressão por embargo e manter o petróleo fluindo a serviço do genocídio.

## SARROCH REFINERY FEEDSTOCK: ORIGIN COUNTRY IN BARRELS OF OIL

AGGREGATE KPLER DATA BETWEEN 2020-2026 BY DATADESK



<sup>36</sup> Leandro Lanfredi, "Who Is Fueling the Genocide in Gaza?" Left Voice, 26 de setembro de 2025.

<sup>37</sup> Figura 2: Volume em barris de petróleo: matéria-prima da refinaria Sarroch, análise de dados agregados da Kpler pela Datadesk 2022-2026. Observação: o país de carregamento pode diferir do país de origem (# de embarques).

# A VITOL ALIMENTA A MILITARIZAÇÃO DOS PORTOS MEDITERRÂNEOS

PORTUÁRIOS ITALIANOS,  
BLOQUEIEM TUDO

A Vitol Aviation, operando de forma independente de sua empresa-mãe, recebeu contratos da Defense Logistics Agency (DLA) Energy dos EUA para as regiões Atlântico-Europa-Oriente Médio (AEM) e da Agência de Apoio e Aquisições da OTAN (NSPA). Além disso, a refinaria alemã Bayernoil — diretamente conectada ao CEPS e provavelmente fornecedora de combustível à OTAN — é majoritariamente controlada pela Vitol por meio de uma empresa que ela cofundou, a Varo Energy Holding.<sup>(38)</sup>

**Durante o curso do genocídio, a Vitol recebeu dois contratos da DLA.**

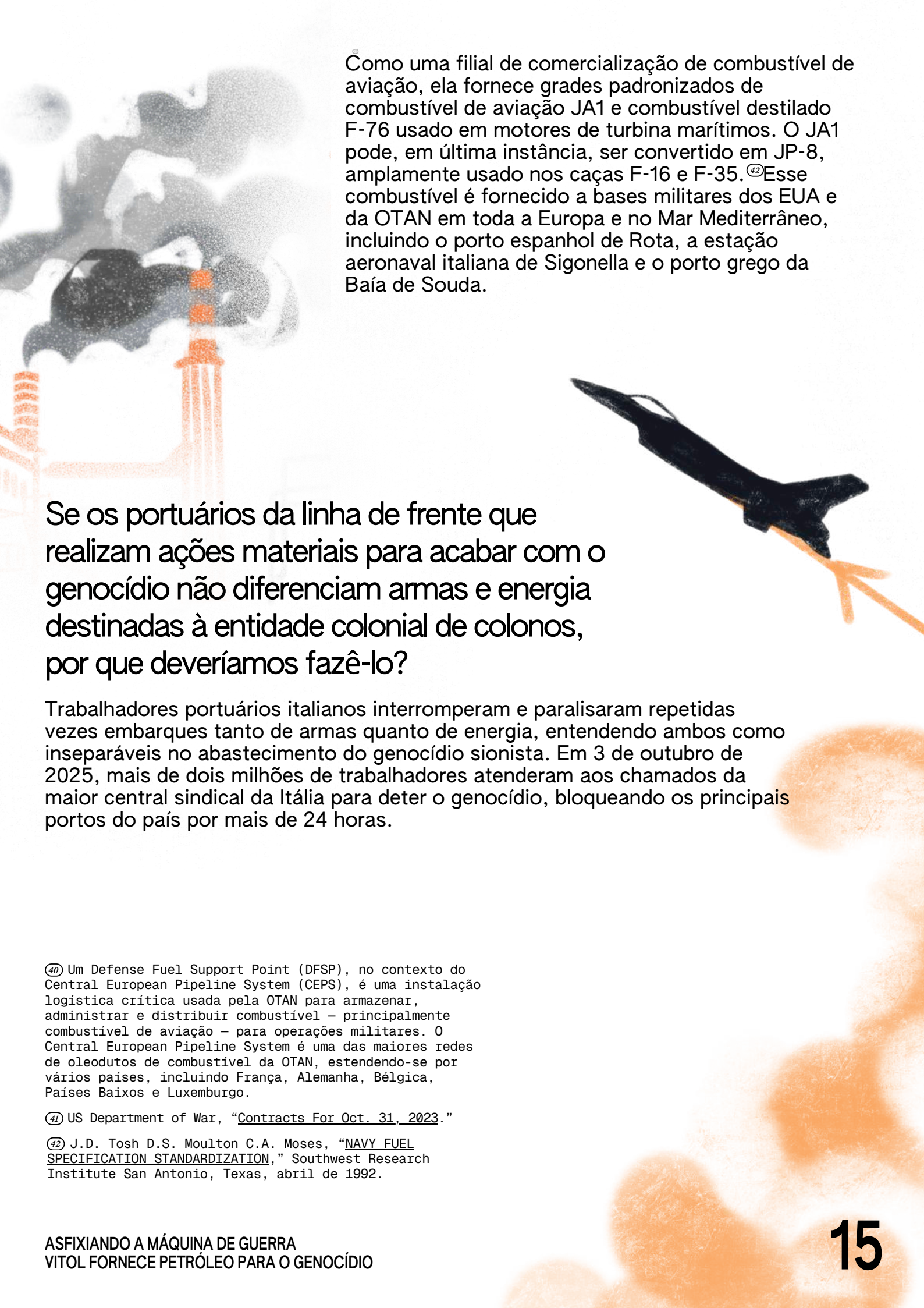
<sup>(38)</sup> Vitol, “[The Carlyle Group and Vitol Group to invest in Varo Energy to Create a Major New Energy Midstream Group across North-West Europe](#),” 19 de dezembro de 2023.

<sup>(39)</sup> US Department of War, “[Contracts For May. 16., 2023.](#)”

① Em maio de 2023,<sup>(39)</sup> a Vitol Aviation Co., de El Segundo, Califórnia, forneceu combustível de aviação JA1 para locais no Reino Unido e para o Defense Fuel Support Point que atende ao Central European Pipeline System (CEPS).<sup>(40)</sup>

② Entre outubro de 2023 e dezembro de 2024, a Vitol Aviation Co., de Houston, Texas, forneceu diesel marítimo F76 e combustível de turbina a jato JA1 para locais “fora dos EUA continentais nas regiões do Pacífico Ocidental e do Oriente Médio”.<sup>(41)</sup>





Como uma filial de comercialização de combustível de aviação, ela fornece grades padronizados de combustível de aviação JA1 e combustível destilado F-76 usado em motores de turbina marítimos. O JA1 pode, em última instância, ser convertido em JP-8, amplamente usado nos caças F-16 e F-35.<sup>42</sup> Esse combustível é fornecido a bases militares dos EUA e da OTAN em toda a Europa e no Mar Mediterrâneo, incluindo o porto espanhol de Rota, a estação aeronaval italiana de Sigonella e o porto grego da Baía de Souda.

Se os portuários da linha de frente que realizam ações materiais para acabar com o genocídio não diferenciam armas e energia destinadas à entidade colonial de colonos, por que deveríamos fazê-lo?

Trabalhadores portuários italianos interromperam e paralisaram repetidas vezes embarques tanto de armas quanto de energia, entendendo ambos como inseparáveis no abastecimento do genocídio sionista. Em 3 de outubro de 2025, mais de dois milhões de trabalhadores atenderam aos chamados da maior central sindical da Itália para deter o genocídio, bloqueando os principais portos do país por mais de 24 horas.

<sup>40</sup> Um Defense Fuel Support Point (DFSP), no contexto do Central European Pipeline System (CEPS), é uma instalação logística crítica usada pela OTAN para armazenar, administrar e distribuir combustível – principalmente combustível de aviação – para operações militares. O Central European Pipeline System é uma das maiores redes de oleodutos de combustível da OTAN, estendendo-se por vários países, incluindo França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo.

<sup>41</sup> US Department of War, “Contracts For Oct. 31, 2023.”

<sup>42</sup> J.D. Tosh D.S. Moulton C.A. Moses, “NAVY FUEL SPECIFICATION STANDARDIZATION,” Southwest Research Institute San Antonio, Texas, abril de 1992.

# CONSTRUINDO UM EMBARGO ENERGÉTICO A PARTIR DE BAIXO



Da negação de energia na Palestina à violência extrativista contra comunidades da linha de frente em todo o mundo, quem lucra com a guerra como a Vitol não devem poder manter os negócios como sempre. Um embargo energético popular será construído por meio de pressão coordenada: por trabalhadores em infraestruturas estratégicas, por comunidades indígenas e locais que resistem à extração e por movimentos de solidariedade dispostos a interromper a circulação de combustível para o genocídio.

Da extração offshore no Brasil ao refino na Sardenha e ao trading em Genebra, cada nó da cadeia de fornecimento da Vitol é um terreno de luta.

A campanha se apoia nas reivindicações dos mineiros colombianos pelo fim da exportação de carvão para o genocídio. Amplifica a recusa das infraestruturas e do trabalho italianos em servirem como portos para o genocídio.

Baseia-se nas reivindicações dos petroleiros brasileiros de que nem uma única gota de petróleo brasileiro seja enviada — direta ou indiretamente — para a entidade sionista genocida.

**Unidos, podemos asfixiar a cadeia de fornecimento de genocídio da Vitol!**

Com a vontade dos trabalhadores em infraestruturas energéticas críticas e a solidariedade das comunidades locais em geografias-chave, a realização de um embargo energético a partir de baixo pode se transformar em realidade prática.

**Nossa mobilização coletiva é organizada em torno de uma cadeia de fornecimento específica e rastreável, em vez de uma geografia abstrata.**

Estudantes, trabalhadores, ativistas climáticos e grupos de solidariedade de Abya Yala à Palestina estão na melhor posição para intensificar sua solidariedade e golpear o abastecimento do ecocídio, do genocídio e da violência que devastam comunidades da linha de frente.

## INTENSIFICAR ESTRATÉGIAS DE PRESSÃO LIDERADAS POR TRABALHADORES:

**Petroleiros, portuários, sindicatos e organizações sindicais:** a exportação de petróleo diretamente das instalações offshore é uma estratégia deliberada das elites corporativas para distanciar os trabalhadores dos meios de produção! A Vitol está utilizando a ilha italiana da Sardenha para refinar, transferir e enviar petróleo à entidade sionista contra a vontade de trabalhadores e comunidades!

**NO BRASIL:** Exigir que a Petrobras e outras corporações privadas e estrangeiras, Prio, Shell e Total Energies, cessem imediatamente a venda ou transferência de petróleo bruto brasileiro a qualquer entidade que abasteça o Estado genocida.

**EM ABYA YALA:** Construir alianças transnacionais em todo o continente; nada de normalidade enquanto o petróleo venezuelano é usado para o ganho do poder imperial e Cuba é sitiada.

**NA ITÁLIA:** Intensificar sua solidariedade com trabalhadores brasileiros e latino-americanos que exigem que nenhuma gota de petróleo seja usada para o genocídio.

## FORTALECER AS SOLIDARIEDADES COM A PALESTINA

**Movimentos da linha de frente e indígenas:** a luta contra a extração corporativa que envenena, polui e militariza nossa terra e água por lucro é uma luta de décadas!

**NO BRASIL E NA VENEZUELA:** A solidariedade palestina está inseparavelmente ligada à luta indígena em Abya Yala. Não ao saque da terra a serviço do genocídio na Palestina.

**Movimentos por justiça climática e anti-extrativistas:** comunidades da linha de frente de Abya Yala à Palestina continuam resistindo às fronteiras dos impérios dos combustíveis fósseis em solidariedade!

ASFIXIANDO A MÁQUINA DE GUERRA  
VITOL FORNECE PETRÓLEO PARA O GENOCÍDIO

**NOS PAÍSES BAIXOS, SUÍÇA E REINO UNIDO:** Interromper os negócios como de costume das corporações que lucram com economias de genocídio, militarismo e extração. Embargo energético já!

## GOLPEAR A ESPINHA DORSAL FINANCEIRA DE UMA CORPORAÇÃO PRIVADA:

**Movimentos de solidariedade e estudantes:** acordos com a Vitol são acordos com o genocídio e a violência imperial. Diga basta aos negócios como de costume da Vitol!

**NOS PAÍSES BAIXOS, SUÍÇA E REINO UNIDO:** Golpear a espinha dorsal financeira que mantém a Vitol oculta e lucrando sem responsabilização. Educar, mobilizar e golpear as operações da Vitol, desde seus escritórios até sua sede!

Não podemos permitir que corporações extrativistas contornem nossas reivindicações por um embargo energético!



Os dados da cadeia de fornecimento nesta publicação são extraídos da análise agregada da Data Desk sobre dados comerciais da Kpler, cobrindo importações de petróleo bruto e combustível refinado para Israel de 2020 a 2026, acessados em abril de 2026. O conjunto de dados rastreia 88,4 milhões de toneladas de importações até 27 países de origem upstream, carregadas em 117 portos e recebidas em 7 terminais israelenses. Os volumes são agregados por anos e arredondados para as 10 quilotoneladas mais próximas. Rotas com apenas uma carga observada são excluídas. Equivalentes em barris usam uma conversão padrão de 7,3 barris por tonelada de petróleo bruto. Os números mensais de participação das refinarias são derivados de consultas à plataforma Kpler. Os dados de contratos militares dos EUA são provenientes de avisos públicos de adjudicação da Defense Logistics Agency. Dados de estrutura corporativa e financeiros são provenientes de registros e reportagens publicamente disponíveis.

Esta campanha é construída por uma aliança crescente que se reuniu inicialmente no começo de 2026 e é composta pelos seguintes membros centrais:

- ① Palestinian Institute for Climate Strategy (PICS)
- ② Disrupt Power
- ③ Global Energy Embargo for Palestine (GEEP)
- ④ Palestine Institute for Public Diplomacy (PIPD)
- ⑤ Resistencia y Resiliencia
- ⑥ Coletivo Jaguar
- ⑦ Italian Anarchist Federation / Sicily collectives
- ⑧ Collectif le Silure
- ⑨ Extinction Rebellion Rotterdams
- ⑩ Esquerda Diário

ASFIXIANDO A MÁQUINA DE GUERRA  
VITOL FORNECE PETRÓLEO PARA O GENOCÍDIO

PESQUISA E PUBLICAÇÃO: PALESTINIAN INSTITUTE FOR  
CLIMATE STRATEGY (PICS) E DISRUPT POWER (DP).  
DISENHO: ALLIANCE OF NON-GOVERNMENTAL RADICAL  
YOUTH (ANGRY) E PICS

